

O ilusionista de efemeridades

Paulo Mortari Araújo Correa

Hoje é sexta-feira, mas seria igual se fosse sábado, segunda ou quarta-feira. Nestes dias, não faço muito mais do que marcar presença em nossos ensaios circenses semanais aqui onde estamos agora, Parnaíba, a pequena maestrina das águas piauienses. (Em nenhum lugar do Brasil a infinidade do mar é mais curta). E assim como veem-se iguais tais jornadas, encontro-me nelas sempre do mesmo jeito, maquiado. É até curioso pensar que entre os integrantes mais novos do grupo não há ninguém que tenha me visto de outra forma. Minha cara limpa, de certo, seria como uma máscara a esconder-lhes a persona com quem convivem. Ou a pessoa. (Não sei resolver a incerteza).

As mãos que se notam são de minha esposa, responsável há oito anos por trazer à luz, com sombra e tinta escura, essa minha persona (ou pessoa) mais popular. A cena se repete toda segunda, quarta, sexta-feira e sábado antes de sairmos do *trailer* (nossa casa itinerante), pois, como já havia mencionado, escolho assim estar, ainda que seja “apenas” p’ra ensaiar. E eu nunca maquiei a mim mesmo. (Salvo quando há briga no matrimônio, e aí todos se inteiram de minha desventura privada no instante em que piso na rua, conforme denuncia a pintura malfeita na cara).

Mas quero voltar ao que estava dizendo antes. Devem se perguntar por que me pinto mesmo em ensaios. Pois, esclareço: a pintura é meu uniforme de trabalho. Para mim, na verdade, essa pergunta é tão estranha como questionar um policial por estar fardado no serviço ou um médico de jaleco num hospital. E mais do que o uniforme desses profissionais, a peça de vestuário que levo tem suas particularidades. Percebam: para vesti-la, é necessário confeccioná-la do início a cada uso, tal como despir-me dela a faz se desfiar para sempre. É diferente de uma roupa de tecido, que tanto pode ser produzida sem que ninguém venha a trajá-la, como posta inúmeras vezes sem que tenhamos que recosê-la a cada ocasião. É roupa de uma vezinha só, peça única, de fato. Por isso, é preciso ter cuidado para não botá-la “do avesso” (que é o que acontece naqueles dias em que me resta pintar sozinho). Não tem como “desvirar”.

Outra particularidade que me ocorreu: essa roupa de circo que uso reveste uma só “carne”, é verdade, mas dá abrigo a um “rebanho” de gente. E tudo criança! Pois é roupa que protege a infância do inverno das idades. Olhem para o meu rosto e poderão comprová-lo. Minha maquiagem faz rejuvenescer o que não envelhece. (E as “marcas de expressão” que saem todas com água e sabão).

Vejo que faltou falar o que faço: sou Ângelo, o ilusionista. É por isso que consigo com uma roupa de vida útil bem curtinha cobrir uma fase inteira da

existência. Como é possível o que mal dura um punhadinho de horas dar conta, sozinho, de tantos anos? Coisa que me apraz é isso, confundir o tempo. Esse é um gosto que aprendi vendo o dia. Dá-se uma sucessão de brevíssimos amanheceres e ocasos, e com a repetição dessa efemeridade, constroem-se coisas tão marcantes e inestimáveis como a história de vida de uma pessoa. Já ouvi dizer que o tempo se atordoia completamente quando uma finitude se faz duradoura. É isso que me inspira a pintar-me o rosto para despintá-lo pouco depois e voltá-lo a pintar. Ao fazê-lo, desnudo o tempo de sua temporariedade (e sem privá-lo de ser tempo). Assim sendo, está revelado o truque para quem quiser: para desconcertar o tempo, basta exercitar a efemeridade de forma perene. (Mas tem que escolher bem a efemeridade que se vai praticar amiúde; com várias das de adulto não dá certo. Já tentei. Acontece que a reiteração sem um sentido despropositado não logra muito mais do que ser ordinária).

Para terminar: no domingo passado, teve espetáculo. Apresentei-me ao público com minha roupa de só uma vezinha. Como o encanto de uma mágica, vi surgir no semblante infante de crianças, adultos e idosos um sorriso, mais efêmero do que meu rito diário de me pintar e despintar. Sabem, o sorriso é uma velha artimanha de criança para enganar o tempo. Abre-se pela primeira vez rapidinho, quase sem querer, em algum momento fortuito da infância, e, ao ser tão breve, se confunde com a própria vida. E, aproveitando a referência, digo que, ainda que por óbvio se espere que um dia eu padeça, a roupa que faço, visto e desfaço entre cada amanhecer e seu ocaso deve continuar a existir e me fazer presente. Cedoo tarde, numa plateia grande ou pequena; logo depois de um contumaz “ohhh!”; vão descobrir que, seja o da pessoa ou o da persona, só um dos corpos itinerantes que tenho esteve fadado a cair, desnudo, ante o fim que é permanente. O outro, não. Seguirá sempre vestido e vivo enquanto houver, aqui ou acolá, um rosto disposto a que se pinte e repinte em si o sorriso que gerará em outrem.



Foto: Halanne Fontenele Barros